



**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE JOVENS E ADULTOS:
SIGNIFICADOS E SENTIDOS**

TELMA CRUZ COSTA

Mestre em Educação e Contemporaneidade
Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia
Grupo de Formação de professores, autobiografia e políticas públicas
Email: telmacruz@gmail.com

**EIXO 3: ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO
DE JOVENS E ADULTOS**

RESUMO

O texto, capítulo teórico integrante da dissertação de Mestrado “Percurso de vida, trajetórias escolares: Narrativas (auto) biográficas das mulheres do programa de alfabetização de jovens e adultos de Praia Grande - Ilha de Maré, Salvador/Bahia, aborda o descompasso entre a alfabetização de jovens e adultos e as práticas sociais de leitura dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para isso, o recorte teórico proposto se ancora nos estudos sobre letramento “que veem a aprendizagem da escrita como um processo instável, em constante movimento e transformação” (Kleiman, 2002, p. 99). De acordo com Magda Soares (2004, p. 92), “alfabetização e letramento são, pois, processos distintos, de natureza essencialmente diferente; entretanto, são interdependentes e mesmo indissociáveis”, ou seja, a alfabetização não precede o letramento, mas a participação nas práticas sociais de leitura e escrita estão vinculadas a certo nível de letramento adquirido na interação social independentemente da condição de “analfabeto”. E as contribuições do pensamento de Paulo Freire (2005, 2006), basilar para a compreensão da relação dialógica entre os sujeitos da alfabetização, na perspectiva histórico-cultural, por conceber que esta teoria possibilita o entendimento da leitura e da escrita como um processo dialógico de produção de sentidos. A pesquisa realizada buscou compreender as trajetórias escolares de duas mulheres marisqueiras, alfabetizadas do Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos Salvador Cidade das Letras/Brasil Alfabetizado, identificando os valores, significados e expectativas por elas atribuídos à aquisição e aos usos da leitura e da escrita associados às experiências de letramentos (escolar e social). Considerando-se que a insuficiência das condições teórico-metodológicas dos programas de alfabetização no sentido de garantir o letramento dos jovens e adultos, cerceando a possibilidade do desenvolvimento da plena capacidade pessoal que lhes permita exercer a participação social num mundo letrado cada vez mais exigente, abandona a ideia de “indissociabilidade entre alfabetização e



letramento”, examinada por Magda Soares (2004, p. 92), tanto no que se refere à abordagem teórica quanto à prática pedagógica. Na análise, percebeu-se que diante do contexto da vida cotidiana da ilha, há uma lacuna de articulação entre as práticas educativas e as práticas sociais e culturais das mulheres no que concerne às necessidades funcionais da leitura e da escrita. A discussão teórica sobre alfabetização e letramento das educandas da EJA, a luz da teoria freiriana, reconhece que as questões da alfabetização estão atreladas às concepções de letramento escolar e letramento social; processos esses de apropriação e usos da leitura e da escrita que se constituem-se em desafios cotidianos para a prática educativa. Nessa perspectiva, é que se instala a complexidade inerente as dinâmicas de interlocução que se situam no convívio das múltiplas identidades socioculturais. Torna-se relevante, então, trazer à tona as implicações do conceito de dialogicidade da teoria de Freire: por um lado, porque se constitui como elemento de reflexão teórica importante para se investigar o caráter dialógico ou autoritário do processo educativo dos jovens, adultos e idosos. E por outro, porque não se pode esquecer como as práticas de alfabetização se inscrevem nos contextos das identidades culturais, que se manifestam concretamente nos ambientes escolares através da linguagem, cultura e, sobretudo, das histórias que cada um carrega, sobre si e sobre o mundo. A prática dialógica no processo de Educação de Jovens e Adultos é capaz de reconhecer essas identidades, tratando-as como tal, não como condição de subjugação. Essa discussão, não muito recente no panorama educacional brasileiro, encontra em Paulo Freire sua essência, para quem “a questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado” (Freire, 2007, p. 41- 42). A conexão de sentidos e significados traduz a função social da linguagem: a comunicação, que emerge no decurso do diálogo e modifica-se também através dele. Assim, o diálogo adquire sentido na formação da consciência, entendida, como coloca Paulo Freire, como “[...] um esforço para livrar os homens dos obstáculos que os impedem de ter uma clara percepção da realidade” (2006, p. 108). Realidade que produz conhecimento, conceitos, crenças, valores, narrativas e tudo o mais que alicerça o grupo sócio-cultural no qual os sujeitos estão inseridos. Assim, compreendida a concepção de diálogo, fica reconhecido o poder da educação e, por conseguinte, o impacto de transformação ou de manutenção das estruturas sociais decorrente da interrelação entre alfabetização e letramento. O uso da linguagem configura-se, então, como instrumento transgressor que pode estar a serviço do poder instituído, enquanto elemento que categoriza o sujeito no limite do discurso ideológico ou, por outro lado, pode conduzir à análise crítica da realidade e das estruturas opressoras. Como fonte de conhecimento e práxis educativa, o diálogo, na sua essência, impõe-se como caminho para a transformação do mundo pelo homem que impulsiona, com seu poder criador e criativo, as mudanças. “Não há também diálogo, se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e refazer, de criar e recriar” (Freire, 2005, p. 93). Na perspectiva histórico-cultural, os homens em constante diálogo são seres de relações, não somente compreende a importância do seu poder de



transformação social, como também a própria condição de transformar-se diante da sua realidade.

Palavras-chave: Letramento. Alfabetização de Jovens e Adultos. Dialogicidade.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, Coleção Leitura, 2007.

_____. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** 3. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 46. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2005.

KLEIMAN, Ângela B. **Alfabetização e Letramento: implicações para o ensino.** Revista da FAGED (UFBA). Salvador, n. 6. p. 99-112, 2002. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba>> Acesso: 19 ago. 2010.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). **Letramento no Brasil: Reflexões a partir do INAF 2001.** 2 ed. São Paulo: Global, 2004. (p. 89 -113).